

TRANSDISCIPLINARIDADE NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA BILÍNGUE E INTERCULTURAL: ESCOLA COMO ESPAÇO DE CIÊNCIA COM CONSCIÊNCIA E SABERES ANCESTRAIS

TRANSDISCIPLINARITY IN INDIGENOUS BILINGUAL AND INTERCULTURAL SCHOOL EDUCATION: SCHOOL AS A SCIENCE SPACE WITH ANCESTRAL AWARENESS AND KNOWLEDGE

Marilza Vanessa Rosa Suanno 1
Fabiane Lopes de Oliveira 2
Vanessa Hatxu de Moura Karajá 3
Sheila Santos de Oliveira 4

Resumo : Este artigo apresenta análises de elaborações conceituais de obras acadêmicas do Laboratório de Línguas Indígenas do Núcleo de Estudos e Pesquisa com Povos Indígenas da Universidade Federal do Tocantins – LALI/NEPPI/UFT (Campus de Araguaína) referentes ao conceito de transdisciplinaridade e suas articulações com a educação escolar indígena e com a formação de professores. A metodologia utilizada foi a revisão sistemática de literatura (OKOLI, 2019) de cinco obras (ALBUQUERQUE; ALMEIDA, 2012; ALMEIDA, 2012; ALBUQUERQUE et al, 2016; ALBUQUERQUE E SILVA, 2017; ALBUQUERQUE E MATOS, 2020). A pesquisa identificou a transdisciplinaridade caracterizada como integração contextualizada e significativa entre conhecimentos científicos e etnoconhecimentos (tradições, saberes, costumes e expressões indígenas) na educação escolar e na formação docente. Tal articulação apresentou-se como uma via democrática de partilha de poder, de autoridade e de reconhecimento de distintos conhecimentos e práticas.

Palavras-chave: Educação escolar indígena. Transdisciplinaridade. Interculturalidade.

Abstract : This article presents analyzes of conceptual elaborations of academic works from the Indigenous Languages Laboratory of the Center for Studies and Research with Indigenous Peoples of the Federal University of Tocantins - LALI / NEPPI / UFT (Campus de Araguaína) regarding the concept of transdisciplinarity and its articulations with the indigenous school education and teacher training. The methodology used was the systematic literature review (OKOLI, 2019) of five works (ALBUQUERQUE; ALMEIDA, 2012; ALMEIDA, 2012; ALBUQUERQUE et al, 2016; ALBUQUERQUE E SILVA, 2017; ALBUQUERQUE E MATOS, 2020). The research identified transdisciplinarity characterized as contextualized and significant integration between scientific knowledge and ethno-knowledge (traditions, knowledge, customs and indigenous expressions) in school education and teacher training. Such articulation presented itself as a democratic way of sharing power, authority and recognition of different knowledge and practices.

Keywords: Indigenous school education. Transdisciplinarity. Interculturality.

Doutora em Educação pela Universidade Católica de Brasília UCB 1
(2015). Doutorado sanduíche realizado na Universidade de Barcelona UB
(2011/2012). Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de
Goiás PUC Goiás (2006). Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal
de Goiás UFG (1994). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação
PPGE/FE/UFG. Líder do DIDAKTIKÉ Grupo de Estudos e Pesquisas em Didática
e Questões Contemporâneas DGP/CNPq. Membro do Núcleo de Formação de
Professores FE/UFG. Membro da Rede Internacional de Escolas Criativas. Orcid
<http://orcid.org/0000-0001-5892-1484>. E-mail: marilzasuanno@uol.com.br

Doutora em Educação (PUCPR). Bolsa-Sanduíche na Universidade 2
de Lisboa (ULisboa/Portugal). Mestre em Educação (PUCPR). Graduada em
Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Membro
dos Grupos de Pesquisa: Práxis Educativa (PUCPR) e Didaktiké (UFG) ligados ao
CNPq. Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás.
Orcid <https://orcid.org/0000-0001-8617-6231>. E-mail: fabiane_oliveira@ufg.br

Acadêmica do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação - FE/ 3
UFG (2021). Bolsista do Programa de Iniciação Científica CNPq PIBIC IC-AF
(2019/2020). Membro do Grupo de Pesquisas- DIDAKTIKÉ - Grupo de Estudos
e Pesquisas em Didática e Questões Contemporâneas- FE/UFG. Orcid <https://orcid.org/0000-0001-8304-2406>. E-mail: vanessa.hatxu@discente.ufg.br

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Goiás 4
UFG. Mestrado em Educação (UFG, 2010). Graduação em Pedagogia pela
Universidade Federal Fluminense (2000). Professora da Faculdade de Educação
da Universidade Federal de Goiás. Membro do Grupo de Pesquisas- DIDAKTIKÉ
- Grupo de Estudos e Pesquisas em Didática e Questões Contemporâneas- FE/
UFG. Orcid <https://orcid.org/0000-0002-6678-7745>.
E-mail: sheila.oliveira75@gmail.com

Introdução

O presente artigo ao tratar do conceito de transdisciplinaridade na educação escolar indígena bilíngue e intercultural e o realiza com o intuito de pensar a escola como espaço de *ciência com consciência*¹ e de saberes ancestrais.

Para a construção desse artigo pesquisou-se a produção do Laboratório de Línguas Indígenas – LALI e do Núcleo de Estudos e Pesquisa com Povos Indígenas - NEPI da Universidade Federal do Tocantins – UFT/ Campus de Araguaína que têm 29 livros publicados, sendo 22 de cunho didático, elaborados para se utilizarem em escolas indígenas, além de sete obras publicadas com textos acadêmicos escritos pelos pesquisadores, mestrandos e doutorandos vinculados ao LALI/UFT e seus convidados. Tais obras têm a finalidade não apenas de divulgar o conhecimento científico produzido sobre a educação escolar indígena e suas interfaces, mas também de contribuir para a formação de professores e a relevante pesquisa da área.

Nesta publicação, objetiva-se apresentar como o LALI/UFT compreende o conceito de transdisciplinaridade e como o articula, relacionando-o às finalidades da educação escolar indígena, formação de professores para escolas indígenas, bilinguismo e interculturalidade com o intuito de apontar interfaces emergentes com a Didática Complexa e Transdisciplinar (SUANO, 2011; 2014; 2015; 2016).

A metodologia utilizada foi a revisão sistemática de literatura (OKOLI, 2019) do conceito de transdisciplinaridade nas obras acadêmicas publicadas pelo LALI/UFT com finalidade de identificar, analisar e sistematizar o conceito investigado. O artigo fornece à comunidade acadêmica uma sistematização que pode impulsionar debates, contraposições, bem como propiciar novas pesquisas.

Apresentar-se-á, neste artigo, a sistematização conceitual de transdisciplinaridade construída após a análise das obras acadêmicas publicadas pelo LALI/UFT e disponibilizadas no site do referido Laboratório², quais sejam: a) Educação Escolar Indígena e Diversidade Cultural (ALBUQUERQUE; ALMEIDA, 2012); b) A educação escolar Apinayé de São José e Mariazinha: um estudo sociolinguístico (ALMEIDA, 2012); c) Ensino de Línguas numa Perspectiva Intercultural (ALBUQUERQUE; CALDAS; ARAÚJO; ALMEIDA, 2016); d) Educação linguística em contextos interculturais amazônicos (ALBUQUERQUE; SILVA; 2017); e) Diálogos Etnossociolinguísticos (ALBUQUERQUE; MATOS, 2020). Nos livros “Texto e leitura: Uma prática pedagógica das escolas Apinayé e Krahô” (ALBUQUERQUE, 2012) e “DO TEXTO AO TEXTO: Leitura e Redação”, (ALBUQUERQUE, 2012) não se identificaram a utilização do conceito de transdisciplinaridade nem as variações do termo.

Identificaram-se 88 vezes a palavra transdisciplinar (e/ou suas variações) na obra “Educação Escolar Indígena e Diversidade Cultural” (ALBUQUERQUE; ALMEIDA, 2012); 47 vezes esse mesmo vocábulo figurou no livro “A educação escolar Apinayé de São José e Mariazinha: um estudo sociolinguístico” (ALMEIDA, 2012); 25 aparições da palavra transdisciplinar deram-se no livro “Ensino de Línguas numa Perspectiva Intercultural” (ALBUQUERQUE; CALDAS; ARAÚJO; ALMEIDA, 2016) e 93 aparições do termo na obra “Educação linguística em contextos interculturais amazônicos” (ALBUQUERQUE; SILVA; 2017). Na sequência, apresentar-se-á a análise do conceito de transdisciplinaridade presente nas obras analisadas.

O conceito de transdisciplinaridade nas obras analisadas

Os autores e as autoras dos capítulos do livro “Educação Escolar Indígena e Diversidade Cultural” (ALBUQUERQUE; ALMEIDA, 2012) apresentaram que as práticas pedagógicas no contexto indígena, na perspectiva transdisciplinar, “promovem a construção do etnoconhecimento, de forma integrada e contextualizada”. Também, constataram que os Karajá-Xambioá têm desenvolvido uma prática educativa que valoriza os saberes tradicionais do grupo étnico,

1 Ciência com consciência (MORIN, 2008) nos remete a dois sentidos de consciência imbrincados a ciência, ou seja, produzirmos ciência com consciência moral e com consciência autorreflexiva. Significa assumir uma concepção de ciência orientada por um princípio organizador e complexo capaz de transformar o conhecimento da complexidade em pensamento da complexidade (MORIN, 2008). Pensar complexo e transdisciplinar pode ser uma via para rever e ressignificar a educação escolar e a formação de professores.

2 Site LALI/UFT <http://www.uft.edu.br/lali>

além do fato de que [...] “acreditam que a aldeia e seu entorno oferecem ferramentas que possibilitam uma aprendizagem contextualizada [...] uma Educação Escolar Diferenciada e Intercultural, uma Educação Indígena” (ALMEIDA, 2012, p. 12). Destacam que para tal, os professores e as professoras indígenas e não indígenas, ao atuarem nas escolas das aldeias, deveriam se esforçar no sentido de construir, conjuntamente com os estudantes e os membros da comunidade, os objetivos e os conteúdos do projeto político pedagógico.

Para Abreu e Albuquerque (2012, p. 12), o Paradigma Educacional Emergente e a Transdisciplinaridade na Educação Escolar Indígena se materializam a partir da “valorização dos saberes tradicionais, da língua materna enquanto disciplina escolar, da cultura e de todas as suas expressões, viabilizando um caminho para promover a autoafirmação destes povos” (ABREU e ALBUQUERQUE, 2012, p. 12).

Em um dos capítulos da referida obra, tal percepção é reforçada ao considerarem que em todas as culturas o conhecimento está subordinado a um contexto natural, social e de valores. A partir dessa perspectiva, a transdisciplinaridade emerge como prática pedagógica contextualizada, como uma teoria presente no cotidiano da educação indígena uma vez que atribui relevância ao ambiente da aldeia e ao seu entorno, “a natureza e seus elementos, notadamente plantas, rios, animais e peixes são conteúdos trabalhados durante os estudos (SOUSA; ALMEIDA; ALBUQUERQUE, 2012, p. 254).

Os mesmos autores/as pautados em Almeida (2011) argumentam que a transdisciplinaridade faz-se presente nos domínios socioculturais indígenas por meio da educação “advinda dos ensinamentos dos mais velhos, os professores indígenas buscam incorporar às suas práticas pedagógicas aspectos transdisciplinares, presentes na forma como os conteúdos são abordados” (SOUSA; ALMEIDA; ALBUQUERQUE, 2012, p. 258)

Cabe destacar, então, que a transdisciplinaridade perpassa as diferentes disciplinas, indo além de todas as disciplinas ao explicar, ao conviver e ao transformar a realidade. Constitui-se em uma via que valoriza o compartilhamento de saberes e ultrapassa o território científico, criando articulações e diálogos multidimensionais, multirreferenciais e interculturais. Isso possibilita a abertura de “possibilidades de visões plurais a respeito de um fenômeno ou conceito, ou a respeito da complexidade da própria vida” (SOUSA; ALMEIDA; ALBUQUERQUE, 2012, p. 259).

Os mesmos autores apresentam que “as práticas pedagógicas que exercemos nas escolas instaladas nas aldeias do grupo indígena Karajá-Xambioá se inserem na perspectiva da transdisciplinaridade” (SOUSA; ALMEIDA; ALBUQUERQUE, 2012, p. 266) por contribuírem para educar nos domínios sociais e culturais indígenas (ALMEIDA, 2011). Destacam a abordagem transdisciplinar por valorizar os saberes tradicionais da língua materna, da cultura e de todas as suas expressões. Assim, nota-se que, “indubitavelmente, este é um caminho para garantia da libertação e transformação da realidade destes povos” (SOUSA; ALMEIDA; ALBUQUERQUE, 2012, p. 271). Percebe-se importante a “integração dos conhecimentos científicos com os conhecimentos dos povos indígenas, pois sabe-se que não é somente no conhecimento científico que estão as respostas para os problemas atuais” (SOUSA; ALMEIDA; ALBUQUERQUE, 2012, p. 274).

Pautados em Morin (1990) e Sommerman (1999), os pesquisadores do LALI/UFT apontam motivos para pensar novos modos de construção de conhecimento fundamentados na complexidade e na transdisciplinaridade, isto é: “1) para contrapor-se à redução cada vez maior do real e do sujeito, 2) para contrapor-se à fragmentação cada vez maior do saber, 3) para re-encontrar a unidade do conhecimento” (ABREU; ALBUQUERQUE, 2012, p. 280). De tal modo, compartilham da compreensão de Nicolescu (2001) ao considerar que a transdisciplinaridade procura estabelecer relações entre os campos do saber que se encontram fragmentados em especialidades e em disciplinas, ou seja, está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das disciplinas e além de qualquer disciplina no intuito de ultrapassar as fronteiras das disciplinas e de ousar percorrer por elas.

Com a “transdisciplinaridade a escola propicia ao aluno uma visão mais ampla do assunto abordado, permitindo, assim, que ele não tenha acesso somente a frações de um determinado conhecimento, mas ao conhecimento em sua totalidade” (ABREU; ALBUQUERQUE,

2012, p. 282). Destacam que, conforme Sommerman (1999), os sete eixos básicos da evolução transdisciplinar na Educação são: “1) a educação intercultural e transcultural, 2) o diálogo entre arte e ciência, 3) a educação interreligiosa e transreligiosa, 4) a integração da revolução informática na educação, 5) a educação transpolítica, 6) a educação transdisciplinar, 7) a relação transdisciplinar: os educadores, os educandos e as instituições, e, a sua metodologia subjacente” (ABREU; ALBUQUERQUE, 2012, p. 282). Enfatizam, do mesmo modo, que a metodologia transdisciplinar se pauta em três princípios/conceitos: Complexidade, Terceiro Termo Incluído e Níveis de Realidade.

Abreu e Albuquerque (2012, p. 286) recorrem ao primeiro artigo da Carta de Transdisciplinaridade para enfatizar que “toda e qualquer tentativa de reduzir o ser humano a uma definição e de dissolvê-lo no meio de estruturas formais, sejam quais forem, é incompatível com a visão transdisciplinar. Este pensamento nos leva a refletir sobre o dever que temos de compreender e respeitar a visão do indígena sobre o mundo, sem esperar que eles ajam ou pensem de acordo com nossas normas de conduta”. E para reforçar tal percepção, dão destaque à compreensão de que cada povo indígena tem seus mitos, ritos, conhecimento empírico, conhecimento técnico, pensamento racional e saberes ancestrais que lhes são peculiares citam D’Ambrósio (1997, p. 80):

[...] a transdisciplinaridade repousa sobre uma atitude mais aberta, de respeito mútuo e mesmo humildade em relação a mitos, religiões, sistemas de explicação e de conhecimentos, rejeitando qualquer tipo de arrogância ou prepotência. [...] o essencial na transdisciplinaridade e na educação indígena reside na postura de reconhecimento de que não há espaço nem tempo culturais privilegiados que permitam julgar e hierarquizar como mais corretos.

Abreu e Albuquerque (2012, p. 288) analisam que os povos indígenas não querem uma educação que não contribua com a sua sobrevivência, valores, princípios e cultura, tampouco uma educação que catequize, os inferioriza, segrega e dizima as diferenças sociais e culturais. Para os pesquisadores, a transdisciplinaridade vem ao encontro de tais anseios, sendo uma abordagem científica comprometida em promover a integração dos conhecimentos assim como uma perspectiva que valoriza “a arte, como forma de expressar o conhecimento e sabedoria indígena [...] garantir a valorização da cultura e promover a interação entre as atividades de ensino (ABREU; ALBUQUERQUE, 2012, p. 289)

O segundo livro analisado, dentre as obras selecionadas e organizadas pela equipe do LALI/UFT, intitula-se “A educação escolar Apinayé de São José e Mariazinha: um estudo sociolinguístico”.

Nessa obra, Almeida (2012) ressalta que, no curso de formação continuada para os professores indígenas do estado do Tocantins, realizado pela SEDUC no ano de 2007, destacou-se a temática sobre a transdisciplinaridade, abordando a teoria de Basarab Nicolescu, a interculturalidade e tendo como “finalidade a compreensão do mundo atual, para a qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento” (ALMEIDA, 2012, p.168).

Nessa seara, Almeida (2012, p. 168) ressalta o fato de a transdisciplinaridade e a interculturalidade serem “[...] categorias que se justapõem quando se trata de educar nos domínios sociais indígenas”, em perspectiva epistemológica e metodológica. A autora explicita também que “[...] a Educação Intercultural e a Educação Escolar Indígena se movimentam num espaço intersubjetivo de contradições que imbricam para a Transdisciplinaridade.” (ALMEIDA, 2012, p.168).

Ao longo do texto, a referida autora esclarece que o curso de formação de professores, em parceria com a SEDUC, apontou a relevância da temática no pensar e no agir pedagógico dos professores indígenas e não indígenas. Dessa forma, considera que “[...] só há Transdisciplinaridade se somos capazes de partilhar o nosso pequeno domínio do saber, se temos condições de abandonar o conforto da nossa linguagem técnica para adentrarmos num domínio que é de todos, e que ninguém detém a propriedade exclusiva do conhecimento” (ALMEIDA, 2012,

p. 169). Na documentação do curso, segundo Almeida (2012, p. 171), a “transdisciplinaridade está presente nos domínios socioculturais indígenas” e fortalece as relações interculturais e transdisciplinares, pois abrange a singular prática pedagógica presente na referida educação.

A referida autora, pautada em Morin (2002), Damas (2009) e Magalhães (2009) busca construir:

[...] espaços de diálogos multirreferenciais com as diversas culturas, com a vida de cada grupo humano, abrindo possibilidades de visões plurais a respeito de um fenômeno ou conceito, ou a respeito da complexidade da própria vida (ALMEIDA, 2012, p. 173).

Nessa perspectiva, a educação desenvolvida especificamente na população indígena se dá “[...] em espaços onde interagem respeito, afetividade, sensibilidade e, também, transgressões no processo educativo, rumo à Transdisciplinaridade, construindo pontes dialógicas vivas com o conhecimento, não havendo uma hierarquização de saberes” (ALMEIDA, 2012, p.173). Assim, é mister trazer à tona a reflexão de D’Ambrósio (2009, p.79-80) ao referir-se que

O essencial na Transdisciplinaridade reside na postura de reconhecimento de que não há espaço nem tempo culturais privilegiados que permitam julgar e hierarquizar como mais corretos os mais diversos complexos de explicações e de convivência com a realidade. A Transdisciplinaridade repousa sobre uma atitude mais aberta, de respeito mútuo e mesmo humildade em relação a mitos, religiões, sistemas de explicação e de conhecimentos, rejeitando qualquer tipo de arrogância ou prepotência.

O referido autor lembra acerca da transdisciplinaridade evidenciando que essa “[...] implica num reconhecimento de que o atual estado de coisas que imbrica para a proliferação das disciplinas e especialidades acadêmicas e não acadêmicas, conduz a um incontestável crescimento do poder associado a detentores desses conhecimentos fragmentados.” Ainda, corrobora a questão quando menciona que: “Esse poder contribui para agravar a crescente iniquidade entre indivíduos, comunidades, nações e países” (D’AMBRÓSIO, 2009, p. 80).

A visão transdisciplinar “rompe com a forma fragmentária de pensar e tratar o conhecimento; aproximando a práxis pedagógica do mundo das (inter)relações que se configuram no processo educativo” (ALMEIDA, 2012, p.174) ao promover a “constituição do sujeito singular para o sujeito plural, realimentando uma pedagogia crítica que tenha como esteio a autonomia de raciocínio do educando, a solidariedade, o entrecruzar entre o saber epistêmico e o saber da comunidade” (BORDAS, 1999 *apud* ALMEIDA, 2012, p. 174).

No intuito de romper com a escola tradicional e utilitarista (ALMEIDA, 2012, p. 178) propõe formação inicial e continuada voltada à realidade (particular, multicultural e complexa) e a produção de práxis que impulse a transdisciplinaridade e a interculturalidade em escolas indígenas.

Na terceira obra analisada “Ensino de Línguas numa Perspectiva Intercultural”, possibilitou-se perceber a existência de autores que buscam impulsionar mudanças paradigmáticas no ensino de línguas a partir de fundamentos da Epistemologia da Complexidade e do conceito de transdisciplinar.

Nesse sentido, Albuquerque, Caldas, Araújo e Almeida (2016) abrangem questões de relevância referentes à temática ora tratada neste texto. No primeiro momento, revelam que, para Nicolescu (2008), a transdisciplinaridade surge de forma sistêmica tendo como finalidade a compreensão do mundo atual. E para Japiassu (2006, p.15-16) “[...] a transdisciplinaridade é a abordagem científica, cultural, espiritual e social dizendo respeito ao que está entre as disciplinas, através das disciplinas e além de toda disciplina” (ALBUQUERQUE; CALDAS; ARAÚJO; ALMEIDA, 2016, p. 174).

A via transdisciplinar visa a oportunizar processos de ensino e de aprendizagem que contribuam para a ampliação da compreensão, da consciência, dos níveis de percepção e de

realidade dos atores sociais. Para tal, buscam construir diálogos entre diferentes campos do saber, uma vez que “o essencial da transdisciplinaridade reside na postura de reconhecimento de que não há espaço nem tempo culturais privilegiados que permitam julgar e hierarquizar como mais coerentes – ou mais certos ou mais verdadeiros – os diversos complexos de explicações e de convivência com a realidade” (D’AMBRÓSIO, 1997, p. 80).

A obra em análise enfatiza que a educação escolar indígena e a formação intercultural devem produzir rupturas com o paradigma instituído e construir novas vias a partir de uma perspectiva transdisciplinar e intercultural por compreender que “esse é o caminho possível para que possamos refletir de forma mais ampla sobre o tema, sem esperar que o indígena precise se adequar às nossas normas de conduta, mas sim a partir da sua especificidade étnica” (ALBUQUERQUE; CALDAS; ARAÚJO; ALMEIDA, 2016, p.175).

Tal ponto se coloca de forma explícita quando observadas questões acerca de cada grupo étnico referentes aos seus conhecimentos, os quais se relacionam pelo seu modo de vida, cotidiano e costumes, que estão absorvidos pela sua cultura, necessitando de formas de serem levados em consideração no momento de desenvolver uma relação de aprendizagem significativa.

Os autores inserem a transdisciplinaridade no debate educacional para demonstrar que nessa reside um esforço por reconhecer sujeitos, espaços, tempos e culturas. Nesse sentido, pautados no pensamento complexo de Morin (2002) destacam que buscam “[...] uma educação que tenha o respeito pela diferença e que atue de forma transdisciplinar, produzindo diferentes modos de partilhar saberes, distinguindo os diversos níveis de realidade sociais, abrindo possibilidades de visões plurais, construindo espaços de diálogos com as diversas culturas e tomando consciência da complexidade do processo em construção” (ALBUQUERQUE; CALDAS; ARAÚJO; ALMEIDA, 2016, p.177). Para tal, consideram que a formação de professores para a educação escolar indígena deveria incorporar perspectivas interculturais, bilíngues e transdisciplinares. A fim de valorizar, reconhecer e de manter os saberes tradicionais, a cultura, a língua materna, bem como garantir aos indígenas acesso aos conhecimentos científicos e a saberes específicos para um diálogo com toda a sociedade brasileira. “Uma educação nesses princípios será de fato transdisciplinar” (ALBUQUERQUE; CALDAS; ARAÚJO e ALMEIDA, 2016, p.188).

Na obra, os autores enfatizam, igualmente, a necessidade de se construir uma perspectiva educacional voltada a cada etnia indígena, pois as culturas e tradições dos povos indígenas no Brasil são divergentes, pois cada etnia indígena possui uma forma de compreensão de sua realidade. As especificidades de cada grupo étnico precisam ser respeitadas, sua cultura e seus costumes para tornar-se possível uma educação emancipadora e, ao mesmo tempo, agregadora dos vieses culturais presentes e precisos à manutenção de sua particularidade.

Os autores apresentam, nessa obra, articulações complexas entre o todo e a parte, destacando que a educação escolar indígena precisa rever o papel que cada povo indígena ocupa nas questões em estudo, bem como as especificidades de cada etnia em relação sociocultural.

A obra “Educação Linguística em Contextos Interculturais Amazônicos” diz respeito à questão da manutenção e da tradição intercultural acerca da língua característica de determinados povos indígenas. As etnias têm sua particularidade linguística, assim é necessário haver uma forma de garantir que a língua seja mantida para preservar os aspectos importantes de um povo, ou seja, a sua história cultural, muitas vezes transmitida de maneira oral.

No prefácio da referida obra, Suanno (2017, p. 9) analisa que a:

[...] educação escolar indígena demanda reconhecimento, valorização e respeito as especificidades de cada povo indígena; integração de diversos tipos de conhecimentos (científicos e não científicos) no processo de escolarização; valorização dos saberes tradicionais de cada povo; compreensão do papel social dos (as) professores (as) e do desafio de se pensar complexo e transdisciplinar em contextos escolares interculturais e multilíngues.

E para essa questão fortalecer-se, aponta que, para a Educação Indígena Bilingue ser transdisciplinar, fazem-se necessários conhecimentos, diálogos, práticas e articulações que contribuam para uma relação de respeito, de valorização e viés intercultural que ecologize conhecimentos, culturas, línguas, saberes e fazeres.

A prefaciante, de igual forma, argumenta que “para inovar na educação linguística em contextos interculturais amazônicos e assegurar a efetivação de uma Educação Escolar Indígena Específica e Diferenciada é necessário rever as finalidades educativas, a didática, o currículo e a formação de professores em vigência no Brasil”. De tal modo, a tarefa é árdua, portanto, destaca que rever a educação com um olhar complexo e transdisciplinar demandaria promover:

a) educação capaz de ampliar a consciência humana; b) formação humana via religação entre razão, emoção e corporeidade; c) reforma de pensamento (MORIN, 2007) e esforço por pensar complexo; d) reintrodução do sujeito cognoscente em processos de aprendizagem contextualizados e saudáveis; e) criação de práticas de ensino transdisciplinares que articulem saberes e fazeres que sejam científicos, tradicionais, filosóficos, poéticos, artísticos, universais e locais a fim de compreender o mundo presente; f) religação entre cultura das humanidades e a cultura científica; g) análise multidimensional, multirreferencial e autorreferencial de conteúdo, temas e questões problematizados que estejam sendo estudadas; h) construção coletiva de práticas emancipatórias, cooperativas e solidárias; i) criação de metodologias de ensino que sejam criativas e fruto do inédito viável (ARAÚJO FREIRE, 2008) e uma experiência ótima alcançada via histórias de vida em processo de ensino-pesquisa-formação promover vivências que articulem mente-corpo-emoção-movimento-espaco; pluralidade cultural e multiplicidade de vozes e olhares na produção e disseminação do conhecimento e da democracia; j) revisão dos objetivos e conteúdos escolares na busca por superar os limites da fragmentação do conhecimento e, assim substituí-los ou complementá-los; l) respeito pela vida e pela Terra-Pátria; m) integração entre aprimoramento individual, comunitário e social; valorização da autonomia, autoria e autopoiese; n) dentre outros (SUANNO, 2017, p. 10).

Ao longo do livro, possibilitou-se a identificação de questões merecedoras de destaque na relação entre transdisciplinaridade e escola. Dessa forma, para os autores a “escola indígena se reveste em muitos significados para a cultura do povo. [...] objetiva [...] valorizar tantos os conhecimentos científicos quanto os conhecimentos culturais da comunidade a que se destina. (SILVA; ALBUQUERQUE, 2017, p. 162)”. Assim, “valoriza a convivência com as diferenças, presentes à cada etnia e/ou grupo indígena”. Ainda, propõem que aprender “[...] se dá numa via de acesso de múltiplos referenciais, onde se entrecruzam diferentes caminhos, convergindo para diferentes formas de aprendizagem” (ALMEIDA; ALBUQUERQUE; PINHO, 2011 *apud* SILVA; ALBUQUERQUE, 2017, p. 163)

Nessa seara, é impossível pensar uma escola indígena com um modelo único de atuação, operando de forma a criar uma educação escolar indígena transdisciplinar, pois a “[...] transdisciplinaridade precisa estar presente nos domínios interculturais e sociais indígenas, sendo vivenciada pelas crianças das aldeias na educação que acumulam desde tão pequenas.” (SILVA; ALBUQUERQUE, 2017, p. 169).

Dessa forma, “[...] tem-se uma educação oriunda dos ensinamentos dos mais velhos, e que os professores indígenas buscam incorporar às suas práticas pedagógicas” (ALMEIDA; ALBUQUERQUE; PINHO, 2011 *apud* SILVA; ALBUQUERQUE, 2017, p. 169), aos conhecimentos

escolares, a cosmovisão de mundo, de vida e de educação. Busca-se, dessa forma, mover-se frente ao desafio de acessar, produzir, compartilhar e reconhecer saberes em um processo que valorize a riqueza presente no diálogo e nas diferenças, assim como articule conhecimentos e culturas com a finalidade de promover a ampliação da compreensão do ser e da realidade.

Silva e Albuquerque (2017, p. 207), pautados em Nicolescu (2008), sustentam que “a prática transdisciplinar exige alguns pré-requisitos, tais como, tolerância, disposição para conviver com a incerteza e com o risco, coragem e imaginação.” Assim, repensam a formação e a escolarização por meio do viés complexo e ecoformador.

Muniz e Albuquerque (2017) pautam-se em D’Ambrósio (2009) para definir que a transdisciplinaridade não é uma nova filosofia, nem uma nova metafísica, nem uma ciência das ciências e muito menos uma nova atitude religiosa. Muniz e Albuquerque (2017, p. 207), tomando Boaventura de Sousa Santos (2003) como referência, apontam como características transdisciplinares:

a não existência da dicotomia entre ciências naturais e ciências sociais (convergindo para os estudos humanísticos); a transformação da distinção sujeito x objeto (introdução da consciência no ato do conhecimento bem como no objeto do conhecimento); o conhecimento visto como uma busca da totalidade universal (contraoando com a excessiva disciplinarização do saber científico); a percepção e admissão da pluralidade metodológica (a tolerância discursiva); tudo isso resultando em práticas inter e transdisciplinares.

Os autores acima relacionados, ao fundamentarem-se em Moraes (1996), consideram que o paradigma educacional emergente, a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade oferecem aportes para rever e reorganizar a educação escolar indígena rompendo com fronteiras educacionais instituídas e indo “além das fronteiras étnicas” (MUNIZ; ALBUQUERQUE, 2017, p. 212).

Almeida, Sousa e Albuquerque (2017, p. 229), ao conceituarem etnossociolinguística e refletirem sobre suas contribuições para um currículo bilíngue e intercultural indígena Apinajé, fazem menção à transdisciplinaridade ao refletirem sobre o: contexto interétnico; bilinguismo; letramento; interculturalidade; situações de conflito linguístico; letramento transcultural, dentre outros.

Analisa, também, que “a aldeia em sua diversificada formação eco linguística [...] um laboratório a céu aberto, é uma opção a favor de uma efetiva educação intercultural e transdisciplinar.” E, assim, apontam a transdisciplinaridade como “o imbricamento dos saberes da ciência, do tradicional, do autoconhecimento, da razão, do mito e da religião. A união desses saberes faz com que o outro seja visto com um novo olhar. O todo não existe sem as partes integrantes” (BORGES; ALBUQUERQUE, 2017, p. 277).

A educação escolar indígena, na perspectiva transdisciplinar, requer saberes e reflexões que permitam aos estudantes aprendizagens significativas sobre diferentes temáticas, inclusive sobre os ensinamentos dos anciãos como, por exemplo, “as crianças aprendem a lidar com a natureza [...]; fitoterapia, a cura através das plantas [...] aprendem que existe uma cura espiritual [...] que a terra é generosamente concede o alimento” (BATISTA, 2005 *apud* ALMEIDA, 2012, p. 171).

Em momentos transdisciplinares “[...]a dinâmica do professor indígena vai muito além da percepção que limita o professor a olhar somente para o ambiente escolar, ele ultrapassa os muros da escola e leva para toda a comunidade indígena a sua preocupação com os saberes indígenas” (BORGES; ALBUQUERQUE, 2017, p. 283).

Na obra “Diálogos Etnossociolinguísticos” (ALBUQUERQUE; MATOS, 2020), identificaram-se 24 menções ao termo transdisciplinaridade no capítulo intitulado “A educação escolar dos indígenas e a questão da transdisciplinaridade e do etnodesenvolvimentismo: por um Brasil de fato cidadão” (MATTOS; MATTOS, 2020).

Os autores do referido capítulo argumentam que a transdisciplinaridade e o etnodesen-

volvimento, na educação escolar indígena, configuram-se como sendo “outra forma de abordar a existência humana e a construção do conhecimento na educação (MATTOS; MATTOS, 2020, p. 107)”, sendo essa uma perspectiva de formação humanística, integral e inovadora, que gera empoderamento pessoal e social, assim como oportuniza vivências escolares compartilhadas e comprometidas com a qualidade de vida da comunidade.

Destacam, de modo semelhante, o fato de a educação transdisciplinar visar à inteireza do ser humano, promovendo reforma no estilo de pensamento, promovendo sabedoria, autonomia e sensibilidade pela autoconsciência e consciência integral. Por isso se pautam na postura de democracia cognitiva, viés construído a partir da “superação de preconceitos da hierarquização dos saberes, uma vez que todos os saberes e culturas são importantes, fundamentais e relacionados a circunstâncias históricas” (MATTOS; MATTOS, 2020, p. 107).

Dessa maneira, ressaltam que o etnodesenvolvimento e a transdisciplinaridade devem ser princípios incorporados às políticas públicas da Educação indígena, bem como na estruturação e na organização pedagógica a fim de contribuir para os indígenas sejam protagonistas, cuidando de si, do outro e da terra.

A educação escolar indígena guarda singularidade, pluralidade e abrangência, podendo a visão transdisciplinar contribuir para a ampliação do olhar, da cosmovisão, da relação de objetividade e subjetividade, bem como via para construção de uma educação intercultural.

Considerações Finais

Nos cinco livros acadêmicos do LALI/NEPPI/UFT analisados, identificou-se que os autores e as autoras compreendem transdisciplinaridade na relação com a educação escolar indígena caracterizando-a por: a) promover a construção do conhecimento científico e do etnoconhecimento (tradições, saberes, costumes e expressões indígenas) de forma integrada, contextualizada, significativa e intercultural. Sendo essa uma via democrática de partilhar poder, autoridade e reconhecimento de distintos conhecimentos, abre, assim, possibilidades de visões plurais; b) valorizar, reconhecer e dar visibilidade aos saberes tradicionais, à língua materna, à cultura e a todas as expressões e os valores da pessoa /etnia viabilizando, de tal modo, um caminho para promover a autoafirmação dos povos indígenas; c) educar em articulação com os ensinamentos advindos dos mais velhos, dos anciãos; d) promover diálogos multidimensionais, multirreferenciais e interculturais; e) valorizar a atitude de abertura para visões plurais e mais amplas a respeito de um fenômeno ou conceito; f) ultrapassar fronteiras disciplinares a fim de ousar, criar e respeitar a visão do indígena sobre o mundo sem esperar que esse povo aja ou pense de acordo com a lógica e as normas de conduta de outros povos; g) reconhecer que cada povo indígena tem seus mitos, ritos, língua, cultura, conhecimentos empíricos e técnicos, pensamento racional e saberes para de tal modo o ensino comportar abordagem científica, cultural, espiritual, antropológica e social; h) respeitar o fato de os povos indígenas não quererem uma educação que não contribua com a sobrevivência deles, de seus valores, de seus princípios e de suas culturas, tampouco uma educação que catequiza, inferioriza, segrega e dizima as diferenças; i) reconhecer que complexidade, transdisciplinaridade, interculturalidade e multilíngüístico são conceitos complementares e importantes à formação de professores e à educação nos domínios sociais indígenas; j) reconhecer a interdependência de todos os aspectos da realidade (particular, territorial, multicultural, nacional, planetário e complexa) e, assim, construir interações entre campos do conhecimento em conexão direta entre o ser e o universo, a humanidade e a natureza; k) construir pontes dialógicas vivas por meio de atitude aberta, de respeito mútuo, de solidariedade e de humildade em relação a mitos, sistemas de explicação e de conhecimentos e tradições, rejeitando qualquer tipo de arrogância ou prepotência, l) valorizar a aldeia, seu entorno e a natureza como relevantes e fundamentais no processo de ensino e de aprendizagem; m) educar, tendo por finalidade a compreensão, bem como contemplar a vida e a realidade atual; n) educar o olhar e a sensibilidade para identificar diferentes cosmovisões, ampliando a consciência e a capacidade de luta e, ainda, de enfrentamento perante as questões que emergem, aprendendo por meio de múltiplos referenciais, caminhos, que são frutos do imbricamento de saberes e diálogos; o)

valorizar e promover a arte própria, como forma de expressar o conhecimento, a sabedoria e a cultura indígena; p) perceber que toda e qualquer tentativa de reduzir o ser humano a uma definição e de dissolvê-lo no meio de estruturas formais, sejam quais forem, é incompatível com a visão transdisciplinar; q) produzir rupturas com o paradigma instituído e desafiar a construção de novas vias educacionais; r) respeitar a diferença, a liberdade, a democracia e a justiça social; s) revelar um olhar mais humano para a educação escolar indígena, considerando de modo articulado os desejos das pessoas de não apenas saciarem a fome, a sede, o direito a ter um teto, um pedaço de chão para se viver, mas também a saúde, o afeto, a felicidade, o conhecimento de sua própria história, cultura, ancestralidade, transcendência, outras necessidades e perspectivas; t) impulsionar o etnodesenvolvimento via participação qualificada dos povos indígenas no campo educacional com autonomia, protagonismo e autodeterminação. Processos que empoderam comunidades locais por meio de vivência escolar mais humanizada, integrada, compartilhada e comprometida com a qualidade de vida da comunidade.

Uma educação escolar indígena, enquanto política pública e estratégia, é uma via que pode contribuir para promover a reforma do pensamento e favorecer a metamorfose da sociedade a fim de produzir transformações nas relações entre ser humano/conhecimento/cultura/natureza.

Consideraram-se fecundadas as publicações e as interfaces construídas pelos autores vinculados ao LALI/UFT nas referidas obras. O primeiro parágrafo desta seção teve o intuito de sistematizar tais contribuições.

Na sequência, apontou-se que as definições e as características da transdisciplinaridade identificadas nas cinco obras analisadas reafirmam e se articulam com outras pesquisas e outros autores. O que é importante para que a abordagem e suas relações se consolidem e sejam compartilhadas.

O exposto pelo coletivo LALI/UFT reforça a perspectiva anunciada por Moraes (2008) ao refletir que a transdisciplinaridade “[...] busca superar a fragmentação do conhecimento e transcender a disciplinaridade” sendo um princípio epistemológico-metodológico que busca a superação das fronteiras disciplinares. Igualmente, reforçam a compreensão de Nicolescu (1999, p. 2) ao definir que “[...] a transdisciplinaridade, como o prefixo ‘trans’ indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento”.

O debate apresentado pela equipe LALI/UFT dialoga com reflexões também presentes nas pesquisas de Suanno (2015, 2016, 2017), em específico destaca-se a vinculação com o caracterizado pela autora (2017, p. 9), a qual define que “[...] a transdisciplinaridade caracteriza-se por ser uma pulsão religadora, por buscar pensar complexo, multidimensional, multirreferencial, articulando razão, emoção e atitude transformadora, trabalhando assim com uma razão sensível e uma práxis complexa e transdisciplinar”.

O coletivo LALI/UFT, para a obra de 2017, convidou prefaciante que destacou a educação escolar indígena em perspectiva didática complexa e transdisciplinar caracterizada por buscar promover: a) educação capaz de ampliar a consciência humana; b) formação humana via religação entre razão, emoção e corporeidade; c) reforma de pensamento (Edgar Morin) e esforço por pensar complexo; d) reintrodução do sujeito cognoscente em processos de aprendizagem contextualizados e saudáveis; e) criação de práticas de ensino transdisciplinares que articulem saberes e fazeres científicos, tradicionais, filosóficos, poéticos, artísticos, universais e locais a fim de compreender o mundo presente; f) ultrapassar fronteiras disciplinares a fim de ousar, criar e respeitar as visões dos povos indígenas sobre o mundo; h) construção coletiva de práticas emancipatórias, cooperativas e solidárias; i) criação de metodologias de ensino criativas e fruto do inédito viável (Paulo Freire) e uma experiência alcançada via histórias de vida em processo de ensino-pesquisa-formação, promovendo vivências que articulem mente-corpo-emoção-movimento-espaco; pluralidade cultural e multiplicidade de vozes e de olhares na produção e na disseminação do conhecimento e da democracia; j) revisão dos objetivos e dos conteúdos escolares com o intuito de superar os limites da fragmentação do conhecimento para, assim, substituí-los ou complementá-los; k) respeito pela vida e pela Terra-Pátria; l)

integração entre aprimoramento individual, comunitário e social; valorização da autonomia, autoria e autopoiese; m) dentre outros (SUANNO, 2017, p. 10).

Tal perspectiva encontra-se em diálogo com os conceitos de bem viver, bem comum, transgressão e mudança (HERNÁNDEZ, 1998), transcendência e superação da atual relação entre o ser humano, a sociedade e a natureza, criando outras vias formativas e investigativas (SUANNO, 2016).

A área da educação e o campo da didática tem contribuído para pensar complexo e transdisciplinar a fim de dar-se o sentir-pensar-agir comprometido na produção de transformações pertinentes e imbricadas, ou seja, metamorfoses sociais, individuais e antropológicas, conforme proposto por Morin (2011).

A epistemologia da complexidade, ao propor a reforma do pensamento, e a transdisciplinaridade no campo educacional fazem-no em articulação com a reforma do pensamento político (política de humanidade e política de civilização), a reforma do estilo de vida.

Pensar uma didática complexa e transdisciplinar (SUANNO, 2016) remete à valorização da educação integral do ser humano e à compreensão de que a finalidade da educação, no século XXI, passa a ser pensar complexo e transdisciplinar no contexto educacional a fim de promover metamorfose social, individual e antropológica (MORIN, 2011) e, portanto, salvar a humanidade, a Terra-Pátria e dar prosseguimento ao processo de hominização.

De tal modo, em concordância com a equipe do LALI/NEPPI/UFT, reafirma-se que a educação escolar indígena demanda reconhecimento, valorização e respeito às especificidades de cada povo indígena, bem como a integração de diversos tipos de conhecimentos (científicos e não científicos) no processo de escolarização. Nessa perspectiva, é fundamental valorizar as pessoas, a vida e os saberes tradicionais de cada povo indígena, bem como compreender o papel social dos (as) professores (as), indígenas ou não, ao abraçarem o desafio do pensar complexo e transdisciplinar em contextos escolares interculturais e multilíngues com o objetivo de promover a valorização da sua cultura e de seus saberes construídos historicamente.

Referências

ALBUQUERQUE, Francisco Edviges; ALMEIDA, Severina Alves (Org.) **Educação escolar indígena e diversidade cultural**. Goiânia: Ed. América, 2012.

ALBUQUERQUE, Francisco Edviges; CALDAS, Raimunda Benedita Cristina; ARAÚJO, Marcilene de Assis Alves; ALMEIDA, Severina Alves de (Orgs.) **Ensino de línguas numa perspectiva intercultural**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

ALBUQUERQUE, Francisco Edviges; MATOS, Solange Cavalcante de. (Orgs.) **Diálogos Etnossociolinguísticos**. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

ALBUQUERQUE, Francisco Edviges; SILVA, Paulo Hernandes Gonçalves da. (Orgs.) **Educação linguística em contextos interculturais amazônicos**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

ALMEIDA, Severina Alves de. **A educação escolar Apinayé de São José e Mariazinha: um estudo sociolinguístico**. Goiânia: Ed. América, 2012.

ALMEIDA, Severina Alves. Prefácio. In: ALBUQUERQUE, Francisco Edviges; ALMEIDA, Severina Alves (Org.) **Educação escolar indígena e diversidade cultural**. Goiânia: Ed. América, 2012.

MORAES, Maria Cândida. **Ecologia dos saberes: complexidade, transdisciplinaridade e educação – novos fundamentos para iluminar novas práticas educacionais**. São Paulo: Antakarana/WHH – Willis Harman House, 2008.

NICOLESCU, Basarab. **Um novo tipo de conhecimento – Transdisciplinaridade. 1o Encontro Catalisador do CETRANS – Escola do Futuro – USP**. Itatiba, São Paulo – Brasil: Abril de

1999. Disponível em: <http://www.ufrj.br/leprans/arquivos/conhecimento.pdf> Acesso em: 05/10/2020.

MORIN, Edgar. **Meus demônios**. Tradução Leneide Duarte & Clarisse Meireles. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

OKOLI, Chitu. Guia para realizar uma revisão sistemática da literatura. Tradução de David Wesley Amado Duarte; Revisão técnica e introdução de João Mattar. **EaD em Foco**, 2019;9 (1):e748. DOI: <https://doi.org/10.18264/eadf.v9i1.748>.

SUANNO, Marilza Vanessa Rosa Suanno. **Didática e trabalho docente sob a ótica do pensamento complexo e da transdisciplinaridade**. 2015. 493 p. Tese de Doutorado em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, pela Universidade Católica de Brasília – UCB, Brasília-DF, 2015.

SUANNO, Marilza Vanessa Rosa. Em busca da compreensão do conceito de transdisciplinaridade. In: MORAES, Maria Cândida e SUANNO, João Henrique. (Org.). **O pensar complexo na educação - sustentabilidade, transdisciplinaridade e criatividade**. 1ed. São Paulo: WAK, 2014. p. 99 – 126

SUANNO, Marilza Vanessa Rosa. Fogo prometeico, reforma do pensamento e o redimensionar das práticas educativas: emergem perspectivas didáticas a partir da complexidade e da transdisciplinaridade. **Revista Terceiro Incluído** ISSN 2237-079X NUPEAT–IESA–UFG, v.5, n.1, Jan./Jun., 2015, p. 41-64, Artigo 82 Dossiê ECOTRANS: Ecologia dos saberes e Transdisciplinaridade. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/11134/1/Artigo-%20Marilza%20Vanessa%20Rosa%20Suanno%20-%202015.pdf> Acesso em: 06.out.2020.

SUANNO, Marilza Vanessa Rosa. Formação docente e didática transdisciplinar: aventura humana pela aventura do conhecimento. In: SUANNO, Marilza V. R.; LIBÂNEO, José Carlos; LIMONTA, Sandra Valéria (Orgs.). **Concepções e práticas de ensino num mundo em mudança: diferentes olhares para a didática**. Goiânia: CEPED e Editora PUC Goiás, 2011. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1KJK2YP5tULBizaEwH4GxYlgHHUsACxC/view>. Acesso em: 03.out.2020.

SUANNO, Marilza Vanessa Rosa. Mudar o atual caminho do capitalismo é cada vez mais improvável, porém não é impossível. LIBÂNEO, José Carlos; SUANNO, Marilza Vanessa Rosa; ROSA, Sandra Valéria Limonta (Orgs.). **Didática e Currículo: Impactos dos organismos internacionais na escola e no trabalho docente**. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico; CEPED Publicações, 2016. Disponível em: <http://cepedgoias.com.br/>. Acesso em 04.out.2020.

Recebido em: 05 de abril de 2021.

Aceito em: 15 de abril de 2021.